

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 20 — 2. DE MARÇO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*"O Cine Journal"
et au public Portugais
très amicalement
Milton*

NESTE NÚMERO! Uma reportagem sensacional: MILTON, em LISBOA

CARMENCITA AUBERT

ou uma artista que, entre nós, se não chegou a revelar



Lilian Harvey com os seus parceiros, no filme «Rosas Negras»: Willy Fritsch (alemão), Esmund Knight (inglês) e Jean Golland (francesa)



Durante uma das filmagens de «Ano Karenine», Clarence Brown dirige Grete Garbo



A primeira leitura de papéis para o filme Romeu e Julieta. Reconhece-se Norma Barrymore, Frederick March, etc.



Anny, a faragida das nossas telas

CARMENCITA Aubert é loira, muito loira — tão loira como a Jean Harlow, que tem os cabelos quasi brancos à força de os querer doirados... É pequena, «mignonne», como um «biscuit» de prego... Porque, ali onde a veem, está uma das maiores figuras da tela espanhola, uma das favoritas das multidões, que tem cartazes de três metros nas ruas de Madrid e Barcelona, e um público fiel que a aplaude, mal ela aparece em cena.

Justamente, no momento em que deixou a Espanha, para vir a Portugal, tinha o seu nome em foco. O público festejava-a, como vedeta de *Abajo los Hombres* e a imprensa inteira, com uma indiscreção absolutamente desculpável, envolvia-a numa «escandalosa» história de amor, que findara por um rapto e tentativa de prisão do raptor, um compatriota nosso, por tal sinal, com adiante relataremos.

* * *

A actuação de Carmencita no palco do «São Luiz», esteve longe de revelar, em toda a extensão, toda a curiosa personalidade da criadora de *Maria de la O*.

Apenas brilhou a sua voz bem timbrada, nalguns tangos castiços e a sua figura gentil e o fotogénico loiro dos seus cabelos. A custo se reconhecia a endiabrada protagonista de *Abajo los Hombres*, a «Anny Ondra» espanhola — como lhe chamam os críticos.

Ela mesmo nos disse:

— Não sei o que tenho... Não sei o que sinto, desde que estou em Portugal! Parece que não sou a mesma.

E sofria, com isso, a adorável Carmencita.

Afinal, passava-se com ela um facto

bem compreensível. Menina amimada de Espanha, habituada a entrar em toda a parte como triunfadora, a ser recebida com trovoadas de aplausos — via-se agora, abandonada, sem ter a protegê-la o prestígio cinematográfico, ante um público que desconhecia totalmen-

tíssima, mas brilhante. Foi a vedeta de *Abajo los Hombres*, uma comédia musical à maneira americana, e apareceu em *Mercedes*. Começou a interessar-se por estas coisas de arte, desde menina. Apresentou-se como artista de «music-hall»! Foi um êxito. A ascensão iniciou-se. O cinema tentou-a. E eis tudo.

* * *

Ultimamente, em Madrid, revelou-se como uma magnífica cantora de rádio. A sua voz, rica de cambiantes, amoldava-se aos caprichos do micro. De resto, os radiófilos portugueses já tiveram ensejo de apreciar o facto, uma vez que Carmencita, com geral agrado, se fez ouvir na Emissora.

* * *

Carmencita está ainda em Portugal, em plena lua de mel, com o seu «raptor». Após a sua fuga — que foi o caso do dia em Espanha — e enquanto sua «madrecita» não desistiu da queixa que apresentara e da detenção que pedira, o parzinho viveu algumas horas difíceis. Depois, tudo se harmonizou, e Carmencita, feliz com a publicidade magnífica em que o facto redundou, estreou-se na rádio, com um êxito enorme!

* * *

Tal é a história simples da gentil vedeta do cinema espanhol, que Lisboa apreciou há dias, embora nas mais desfavoráveis circunstâncias.

Aguardemos os seus filmes, para melhor a ficarmos conhecendo.

MÁRIO AUGUSTO

A produção francesa, parolizada

Lucie Dérain, na *Cinématographie Française* lança este grito de alarme: «A produção francesa está paralizada».

Com efeito, neste momento, encontram-se apenas em realização, seis filmes franceses! Há projectos, muitos projectos, e entretanto continuam fechados os estúdios de Tolbiac, da Paramount, etc.

Enfim, tudo marchará e é provável que Março dissipe as névens «deste sombrio mês de Fevereiro»...

ORAÇÃO CINÉFILA

Em Hollywood, fez-se recentemente um concurso para preencher a melhor oração cinéfila.

Ganhou Dorothy Torrence, de Co-vington, que apresentou a seguinte:

Meu Deus, dai-me:
Os olhos de — Claudette Colbert.
As faces de — Joan Crawford.
O cabelo de — Carole Lombard.
Os dentes de — Gail Patrick.
O nariz de — Jean Harlow.
A distinção de — Kay Francis.
O encanto de — Alice Faye.
A graça de — Myrna Loy.
A personalidade de — Ginger Rogers.
A malícia de — Patsey Kelly.
A voz de — Rosalind Russell.
A doçura de — Loretta Young.
A beleza de — Norma Shearer.
O sorriso de — Sylvia Sydney.
A cara de — Joan Parker.
O sítio de — Ruby Keeler.
Para sempre, eternamente,
Amém

«Mayerling» e «Baccara»

Exibem-se actualmente em Paris, com um êxito formidável, dois filmes franceses, dos mais recentes, saídos dos estúdios parisienses: *Baccara* e *Mayerling*.

O primeiro, que tem como intérpretes Marcelle Chantal, Jules Berry e Lucien Baroux, é uma comédia deliciosa, realizada por Yves Mirande, segundo um argumento da sua autoria, que foca

um escândalo mundano ainda na memória dos parisienses.

O segundo, interpretado por Charles Boyer e Danièle Darrieux, evoca-nos o drama de Mayerling, os amores românticos do arquiduque Rodolfo e de Maria Vetsera. A crítica considera estes dois filmes no número dos mais notáveis realizados ultimamente.

Baccara e *Mayerling* foram estreados no decurso do mês de Fevereiro e não concorreram, por isso, ao Grand Prix do Cinema Francês.

OS MELHORES FILMES DO MÊS

Photoplay designa os melhores filmes de Janeiro. Ei-los:

Anything goes (Paramount), com Berig Crosby.

Magnificent Obsession (Universal), com Robert Taylor e Irene Dunne.

Rose Marie (M. G. M.) com Jeannette MacDonald e Nelson J. Fox.

Captain Blood (Warner), com Errol Le Flynn.

The Petrified Forest (Warner), com Leslie Howard e Bette Davies.

Strike me pink (United Artists), com Eddie Cantor.

QUANTOS CINEMAS HA NO MUNDO

A «Motion Picture Herald» publica uma interessante e completa estatística comparativa sobre o número de cinemas que há no mundo.

Assim, no mundo 87.299 cinemas, dos quais apenas 51.700 estão equipados para o somôro.

Na Europa, o país que tem mais cinemas é a Rússia: 29.691. Nêste número incluem-se, porém, os cinemas ambulantes, rurais, etc., etc. Dêstes 29.691, só 3.000 se encontram equipados com aparelhagem de som. Na Europa, o país que tem mais salas aptas para o fonocinema é a Alemanha que conta 4.780, logo seguida pela Inglaterra (4.712), França (3.300), etc.

Outros dados interessantes: Em 1932, havia 61.924 cinemas, no mundo inteiro; em 1933, 60.347; em 1934, 60.918; em 1935, 87.299.

Este acréscimo de 20.000 cinemas do ano passado para cá foi originado pela Rússia, onde a curva de instalações é nitidamente crescente. Vejamos:

1932	3.200
1933	2.000
1934	9.987
1935	29.691

Quanto ao número de equipamentos para o somôro, feitos em todo o glôbo — os números são êstes:

1932	36.955
1933	41.823
1934	40.869
1935	51.697

Vejamos agora os números referentes a oPrugal! O «Motion Picture Herald» refere os seguintes:

1932	400
1933	250
1934	250
1935	210

Quere dizer: estamos em franco declínio. De 1932, para cá, o número das nossas salas foi reduzido a metade.

Vejamos agora o das salas equipadas:

1932	88
1933	107
1934	168
1935	170

Aqui deu-se o inverso. O número das salas equipadas aumentou para o dôbro. A ser assim, actualmente, temos apenas 40 salas sem ser equipadas.

Não sabemos até que ponto estes números são fiéis, mas merecem-nos todo o crédito, não só pela categoria da publicação que os dá a lume, como pelos elementos incompletos de que dispomos, para os apreciar.

Na Europa, o número de cinemas sonôros distribui-se da seguinte forma:

Alemanha	4.780
Inglaterra	4.712
França	3.300
Rússia	3.000
Itália	2.724
Suécia	1.581
Espanha	1.550
Checo-Eslôvaquia	1.343
Bélgica	725
Áustria	706
Polónia	467
Hungria	362
Suiça	330
Dinamarca	312
Rouania	298
Holanda	291
Jugo-Eslávia	246
Filândia	214
Noruega	205
Portugal	170
Estado Livre da Irlanda	160
Grécia	112
Bulgária	89
Letónia	86
Turquia	85
Estónia	51
Letónia	43
Lituânia	11
Total	27.956

Outros números curiosos: o Brasil tem actualmente 1.351 cinemas, dos quais 900 estão equipados para o sonôro.



No vida da famosa empresário Ziegfeld, Ann Held, Billie Burke e Andrey Lane, foram as mulheres que tiveram papéis mais importantes. Ei-las no filme que foca a vida de Great Ziegfeld (William Powell), encarregado por Louise Rainer, Myrna Loy e Virginia Bruce

A HISTORIA, NOVO TANTALO DE HOLLYWOOD

A História para os realizadores de Hollywood é de ha muito ciência morta. Não interessa. Tal episódio que leve o seu desfecho no ano X se as exigências a realzação o exigir passar-se-á no ano Y.

Certo rei que em tôda a sua vida foi uma bondade de pessoa apparece-nos transformado no mais terrível dos chefes de Estado. Bandidos, monstros hereditários, sedentos de caruicinia, a tela mimetiza-os em mansos cordeirinhos, quasi românticos.

Por outro lado, tanto se lhes dá emprestar gestos americanados ao mais ritual dos imperadores orientais como lançar numa rigidez marmorea o mais despreocupado dos leões coroados.

A História em Hollywood passa tor-luras que horrorizariam Tântalo, apesar de habituado. É que preside à concepção dos filmes a necessidade de agradar ao público, seja porque processo fór. O «lappy end» é tudo.

Assim, na «Conquista da Índia», nas «Cruzadas» e em tantas outras super-produções. Baseiam-se, pois, estas desfigurações históricas nas vantagens, sempre fresmentes na metrópole do cinema, pe assegurar o êxito comercial dos filmes.

Daí, o pouco ou nenhum escrúpulo que manifesta um Cecil B. de Mille em nos apresentar, trocada, a ordem cronológica das expedições à Terra Santa, fora outros malabarismos de occasião.

Na «Conquista da Índia» o destemido Clive, após o debate parlamentar — lembram-se? — tem um fim de vida completamente diferente (de certo «pour plaire aux femmes») daquelle que a História regista.

Ora estas alterações, umas vezes mínimas mas outras máximas, são graves. Sobretudo, se nos lembrarmos que um dos postulados reinvidicados pelo cinema é o de educar as massas. Portanto, como cumprir esse benéfico e humano fim se a História vem cozinhada, género prestidigitação, pelo manes de Hollywood?

Cultiva-se assim o erro, e o erro no cinema é afilivo graças à sua difusão e penetração em tôdas as camadas sociais. E se alguns podem, no momento,

corrigir êsses deslises, a maioria compenetra-se de que lord Clive termina a sua carreira, ali, em casa, ao lado de uma sedutora mulher ou que Pedro o Eremita presidiu à cruzada da qual participou Ricardo Coração de Leão quando, ao tempo, já dera a alma ao Criador...

Não somos, porém, os únicos a protestar. Na fleugmática Grã-Bretanha agitou-se há pouco, num dos seus jornais, o problema da verdade histórica em relação aos filmes de Hollywood. F. que, na opinião de John Bull, «Mutiny in the Bounty», uma das últimas produções interpretadas por Charles Laughton assassina, completamente, a veracidade dos factos.

Convém, porém, esclarecer que «Bounty» é um barco inglês, que a acção se passa no século XVIII, que o filme está admiravelmente realizado e que a interpretação de Charles Laughton é notável como sempre. Todavia, o almirante Bligh, papel que o coube, apresenta-se tirano, fero e insaciável de sangue e os ingleses querem-no como êle foi: uma vítima da sua tripulação que a dado momento se revolta. Daí o título de «Mutiny in the Bounty».

Não se imagina, porque é difícil, a tinta que lem corrido... Inclusive para corroborar que Bligh foi um comandante terríssimo, cuja alma maviosa era incapaz do menor gesto que não tivesse a dilá-lo sentimentos humanitários, desenterraram da poeira dos arquivos memórias escritas pelo seu secretário e ainda outras de uma amiga de sua família, nas quais se revela o autêntico carácter do almirante.

Fazem-se afirmações, no jornal que levantou a questão, como esta, que disfarça um despeito mal contido: «Hollywood quando fala de História tem sempre a última palavra...». Reparem na ironia!

Mais: regista-se a hipótese de que Bligh em certo período da sua vida como governador colonial se tivesse escondido debaixo da cama para fugir aos soldados que invadiam o seu puaico.

Quem tem razão? Não creio que seja Hollywood. Tem feito tantas...

OPERADOR N.º 13



Cinco das mais recentes «descobertas» do Metro

FILMES DE GUERRA, A CORES

Frederich March e Warner Baxter serão ás vedetas de Cruzes de Pau, que será realizado pelo processo do technicolor-tricromio.

Outras firmas americanas, anunciam já que vão realizar filmes da guerra, a cores — provando assim que a imitação continua a ser moda corrente.

GEORGES



Impecável, na sua casaca, eis Milton tal como surgiu na palco do São Luiz

O maior acontecimento no meio cinematográfico, durante a semana passada, foi sem dúvida alguma a vinda a Lisboa de Jorge Milton.

Decorridos dez anos sobre a sua apresentação na companhia do Balaclan, ainda hoje nos lembramos da graça com que ele arremedava uma «girls» principiante, trocando constantemente o passo com as «companheiras», e fazendo uma série de disparates quejandos, com uma tal pretensão de elegância e leveza e com uma expressão da inconsciência do ridículo tão bem estampada na cara que era de se morrer a rir.

Nesse tempo a África e a América (do «Alleluia!») apareciam aos olhos dos cultivadores da arte como filões inexgotáveis de motivos inéditos e bizarros.

Dentro da moda, o futuro Bouboule aparecia de langu e penas na cabeça, e era um estardalhaço incrível. Enchia o palco com os seus gritos bárbaros, esgaras arrepiantes e passos desastrados. Mais selvagem que um apetrejador de combóios.

A gente tem a impressão de que Milton não perde muito tempo a estudiar os papéis, a afinar a garganta. A naturalidade é um dos factores do seu êxito.

Ele é o homem da rua, despreocupado no trajar, alheio a etiquetas, pronto a ajudar a varina a pôr a juba à cabeça. se Paris tivesse a felicidade de ter varinas... É outra qualidade: a sua: a simplicidade.

Artista essencialmente popular, sem uncu descambar no reles, e o estoicismo, o deixa-andar, o compincha sempre pronto para a paródia, contanto que haja alguém que piyue, só porque não tem com quê, já se vê: porque se tivesse — aliunha-se — ele seria um mãos rútas e luvia de querer ver todos tão optimistas como ele, sacando a vida com o seu sorriso aberto, cada qual com uma «combine» para vender na vida

O Rei dos Borlistas juula agora aos seus muitos titulos mais êste, o de Rei do Carnaval de Lisboa.

A cidade andou, positivamente, com êle ao colo. E não terá que se arrepende, pois estunos certos de que não irá dizer depois mal de nós, que não achará que temos territórios a mais... Assim pagamos uma dívida de gratidão, nu-neira de dizer «muito obrigado» pelas noites de boa disposição que nos proporcionou e por nos ter vingado. Também, daquele porteiro de canhões doirados e muitos bolões que, uma vez, nos disse com arregaço. — «o seu bilhete?», e nos deixou anstosos, desesperados, no meio da rua — com a «peque-na» «lá dentro» à nossa esperu...

Como estamos a escrever em segunda-feira de entrudo, apetece-nos pedir à Junta de Educação Nacional que, em lugar de trazer ao nosso couvito uns seuhores muito eruditos mas muito tristes, nos upreseule antes mestres do optimismo e do bom humor, com Bouboule e outros.

E não se diga que seria dinheiro mal empregado, porque ninguém pode cal cular as conseqüências que adviriam se Nascimento Fernandes pontificasse no teatro de S. Carlos ou se dessem uos

múdos das escolas «Os meus domin-gos», de André Brun, não para analisar, mas para lhes tirar o ar carregado de pequenos filósofos em embrião, que todo o português adquire aos oito anos para só largar com o último suspiro.

...Decididamente devia ser proibido escrever em segunda-feira, a entrudo.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

GEORGE Milton passou em Portugal, rapidamente. Esteve, entre nós, quatro dias apenas e teve a sorte das serpentinhas, papelinhos e crianças mascaradas — na quarta-feira de cinzas desapareceu... No entanto, nesse lapso de tempo, foi, como se diz acima, o caso do dia desta pacata Lisboa, o acontecimento deste Carnaval neurasténico. Inundou Lisboa de graça e optimismos — e avivou o fogo sagrado, no espirito daqueles que o já começavam a esquecer, à força de ver Bouboule tão desacreditado na tela, por culpa dos mentores dos seus filmes.

Não quisemos, propositadamente, entrevistá-lo. Limitar-se-ia a reeditar tôdas as frases que tem proferido em casos semelhantes. Viriam novamente à baila os lugares comuns da entrevista. Acompanhámo-lo, de perto, e são as impressões da sua estada entre nós, que vamos reproduzir, desordenadamente, procurando definir o homem e o artista, através da sua acção na tela e o modo de ser, na vida real.

«Bouboule» em Lisboa

O «sud» chegou à tábela. As inundações, as barreiras desmoronadas, não conseguiram deter-lhe a marcha. E à hora precisa, George Milton desembarcava no coração de Lisboa, com o seu «sorriso comercial n.º 1» estampado no rosto.

Na «gare», a Imprensa, os fotografos, admiradores e mirones — rodeiam-no interessadamente.

As primeiras impressões são de surpresa. Milton parecee-nos incomparavelmente mais novo do que na tela, e, além de ludo, veste como um «gentleman».

A primeira vista, pode parecer infantil a observação. Mas se atendermos bem, veremos que Milton criou na tela um tipo, que salvo raras excepções tem permanecido imutável: o folião, mais ou menos «casca-grossa», tão despretenhioso de maneiras como desuadido no trajar.

Há quem inquiria da viagem.

Milton achou-a boa. Outro qualquer maçar-se-ia... mas êle não... «Il faut toujours du bon humeur».

Os repórteres apontam a frase. Temos a impressão que é a frase n.º 1 de Milton em tôdas as gares, deste mundo onde se tem apeado...

A multidão manifesta-se! Milton dirige-se para a saída. Um empregado pede-lhe o bilhete. Há quem graceje... «Trará bilhete?» O Milton da vida real tem uma admiração sem limites pelo principio da autoridade e pelo seus mandatários. E estende ao empregado o seu bilhete...

Na ante-gare, os «ardinas» e toda a rapaziada bravia aplaude-o com fúria. É a primeira ovação popular. Milton en-

MILTON

em Lisboa



Milton parece divertidíssimo, ao ler o nosso revista

(Foto Seródio)

cantado, aperta a mão dos seus admiradores...

Já dentro do automóvel um rapazola interroga-o num francês muito gaguejado... muito quinto ano dos liceus.

— *Monsieur?!... Etes-vous, vraiment... le roi des resquilleurs?...*

— *Mais, bien sûre*, volve Milton.

— *Alors, fêz o outro, mais gago que nunca, vous avez fait la voyage de resquille? (sic)...*

A graça como vêm não teve graça nenhuma, mas todos deram uma gargalhada, mais ou menos forçada...

Era preciso manter a tradição de quê «les portugais sont toujours gais»...

Bouboule, no palco

À noite, perante uma casa à cunha, Milton tomou contacto com o público. Trazia quarenta e oito horas de viagem ininterrupta, sobre o corpo... Viera de Liège a Paris, de Paris a Lisboa, de Lisboa ao São Luiz. Ensaiou todos os seus números para afinar as luzes, etc. — e saiu confiado.

À noite, mal surgiu na plateia a cantar, ouviu uma ovação, que lhe deve ter ficado memorável, e que se repetiu, depois, de instante, no final de cada uma das canções.

Milton, como artista de «music-hall», encantou o público. Após o seu *sketch*, meio teatral, meio cinematográfico, cantou-lhe canções deliciosas, muito frescas na maioria delas, mas que não chocavam o público, tal a leveza e a ironia que chegavam até nós.

No final, já com o público dominado, Bouboule pedia-lhe que cantasse e ficava no palco a aplaudi-lo. Quere dizer: invertia os papéis. e para conseguir isto, entre nós, é preciso que se sãa muito da craveira do corrente!

Só, ante uma cortina cinzenta, num palco nu, onde se via apenas, a um lado, o piano que o acompanhava — Milton, como uma luz pequena mas intensa, enchia a casa de alegria e de bom humor.

O público sentiu não só que estava em presença de um dos seus ídolos, como também dum verdadeiro artista e tributou-lhe por isso ovações entusiásticas, chegando ao extremo de o aplaudir de pé.

Bouboule, na vida real

Na vida real, George Milton é o mais simpático e amável dos companheiros. Não sei se estará atacado também por aquela neurastenia, peculiar em regra a todos os cómicos. O certo é, porém, que

arvora sempre um sorriso quando aparece em público, quando recebe um pedido de autógrafa. *Il faut toujours du bon humeur* — é a sua divisa.

A sua maior preocupação é não melindrar o público em geral e em especial, aqueles que se lhe dirigem a buscar fotografias e autógrafos. Por vezes, durante a sua estada em Lisboa, as pessoas que o acompanhavam procuravam livrá-lo dessas maçadas que são filhas da popularidade e da glória. Milton, porém, dizia sempre: «Não! Não!... Eu atendo-os, ...eu falho-lhes... eu recebo-os».

É foi incansável, na verdade. Assinou todos os álbuns que lhe levaram ao seu camarim, dedicou fotos, «posou» para as máquinas dos fotógrafos, dezenas de vezes, e chegou ao ponto de tirar retratos com crianças mascaradas ao colo...

Logo na estação, foi abordado por um «sportingista» ferrenho, que o pretendia levar, certa tarde, à sede do *Sporting*. Milton fêz o possível por aceder — mas não lhe era possível, visto ter as «matinées» todos os dias. Disse no dia seguinte, da sua mágoa.

O nosso «leão» não se convenceu! Desde então, não mais o largou... Onde quere que Milton aparecesse lá estava o «leão» esfaimado, como se fosse o «controleur» do «Rei dos Borlistas». Não contente com o facto, telefonou-lhe de manhã, quando o artista estava no melhor dos seus sonos, interrompeu-lhe a l m o ç o s, mandou-lhe uns bilhetinhos... etc.

À saída, já o combóio tinha dado o sinal de partida e ainda «Bouboule» se encontrava na «gare». Com receio de que perdesse o combóio, houve quem lhe gritasse:

— *Olhe! lá vem o tal homem do «Sporting»...*

E Milton galgou dum salto os degraus da carruagem.

Mas este episódio não foi contado propriamente para chegarmos a este final, mas sim para focar a atenção do artista pelos seus admiradores.

Com efeito, relatando-nos as suas desventuras com «ce monsieur du Sporting», Bouboule comentou, referindo-se ao interesse dele em levá-lo ao clube dos leões:

— *Oh!... Mais il est gentil... tout de même...*

Milton será cabotino, como tôdas as vedetas. Mas é cabotino, num sentido inverso do dominante. Em regra, as estrelas têm pelo público o mais soberano dos desprêços. Milton, então, atende-o com excessos de consideração e de carinho, que impressionam.

Cabotino?! Será! Mas ao contrário! O que, não-de concordar — é mais simpático

Impressões e notícias

George Milton ficou encantado com o povo português — e com o público em povo português — e com o público, em especial com «ce bon public», dum preendendo o francês, aprendendo o sentido das suas canções, reagindo na altura própria — que lhe fêz crer, por vezes, que representava em Paris.

Depois, foi acarinhado por todos, com ovações formidáveis. Quando dizia, no palco, num português macarrónico, o «estou contentes» — Milton não representava: era sincero.

Lamentou que não tivéssemos visto *Jerôme Perreau*, que considera a sua maior *reussite*, depois do *Rei dos Borlistas*, do qual, aliás, vai fazer uma continuação.

«Bouboule» contou-nos pormenores d'este seu novo filme, o primeiro que realizará. Será como o «Le Roi des Res-

quilleurs» um filme desportivo. «Bouboule» será um negociante de bicicletas. O filme dar-nos-á alguns aspectos de corridas de fundo, e focará outros desportos mais elegantes, como os da neve, o «tennis», o «hockey», etc.

Antes, porém, de se lançar, na realização desta película, Milton fará uma longa «tournée», uma volta ao mundo, devendo actuar na China e no Japão, onde *J'ai me combine* e *C'est pour mon papa* tiveram uma voga imensa. E Milton ri só com a ideia de ouvir as popularíssimas músicas, com uma letra chinesa...

Portugal encantou-o! E dele não viu quasi nada! Espera, com vagar, voltar por cá e então ficará apreciando ainda mais o país e o povo, que lhe deixaram — afirmou ele — uma das mais agradáveis impressões, na sua carreira de artista.

FERNANDO FRAGOSO



Bouboule, á sua chegada a Lisboa (Foto Seródio)

Considerações sôbre o cinema português

ou AINDA E SEMPRE sôbre o cinema feito em Portu- gal e o possível cinema caracte- risticamente português.

NÃO só admito, mas acho até louvável, benéfico, logico e inteligente, as divergências sôbre ideias e pontos de vista. É um sintoma de que sabemos e podemos raciocinar à nossa custa, baseados nas reacções originadas pela nossa sensibilidade e psicologia.

Mas numa polémica, e até mesmo numa divergência, são indispensáveis dois factores: honestidade e um grau mínimo de cultura. (Isto partindo do principio que existe boa educação).

Vou explicar o motivo porque estas considerações se relacionam com o cinema português.

* * *

Tenho, não só nesta como noutras revistas e jornais, publicado artigos e organizado inquéritos sôbre a orientação da nossa cinematografia, sôbre os problemas a focar e sôbre a possível, futura e indispensável criação dum estilo cinematográfico português e causas ao redor. Sempre que falo nestes assuntos tenho dito, a-pesar de ser escusado dizê-lo por já estar dito e redito, que os nossos filmes, além de serem feitos por artistas e técnicos com pouco treino, são também prejudicados pelas exigências comerciais dos produtores.

* * *

É bom lembrar que ninguém tem exigido dos realizadores filmes em que esse estilo se evidencie com uma estrutura definitiva e com aspectos-revelações. O mais que se tem pedido, mas muito em voz baixa, são filmes com carácter. A este pedido têm respondido com algumas cenas realmente características e com certos arrebicamentos pseudo-regionais que não passam de autênticas mascaradas e que são merecedores dos mais violentos protestos.

* * *

Bem vistas as coisas, a crítica e o público têm deixado os realizadores trabalhar à vontade. E é conveniente que assim seja, pois se sôbre as opiniões do público é bom não falar, sôbre as opiniões de certa crítica haveria muito que dizer.

Muito embora assim seja, topei neste último mês dois ou três artigos em que se procura, por várias e diferentes maneiras, insinuar a ideia contrária: que na opinião pública só é cinema português aquele que foca paisagens e pitorescos locais; que se fala de mais em raça e no estilo português...

* * *

Tenho muita pena de melindrar os que pensam assim, mas devo dizer que não concordo.

Julgo ingénuo procurarem fazer-nos acreditar que para o público só é cinema português aquele que foca paisagens e ambientes regionais. No entanto parece-me ser lógico que aproveitemos primeiramente a vida rural, marítima e baírrista, pela simples razão de serem motivos imensamente ricos, não só por estarem inexplorados mas porque já de si possuem múltiplas e variadas facetas características, e além disto são mais fáceis de focar pela inexperiência forçada dos nossos realizadores. Há também outro motivo a explorar: a reacção

da nossa psicologia perante as outras civilizações e costumes. Mas este género de filmes é difficilimo de fazer. Não é por estes anos mais chegados que os

nossos realizadores o poderão tentar com resultados satisfatórios. Queira Deus que me engane e que dentro em breve os meus olhos vejam na panta-

lha, por exemplo, a reacção dum dos nossos minhotos emigrantes perante Nova-York, cidade monstruosa e cidade bela.

Parece-me natural que sejam estes os motivos indicados e juízo descabido produzirmos filmes policiais ou cosmopolitas... Será necessário explicar porquê?

* * *

Ainda ninguém quis dar ao nascente cinema português raízes vigorosas de escola; mas o que se tem é conseguido os melhores momentos do cinema português, sôbre os assuntos que mencionei. No «Gado Bravo», por exemplo, não foram os truques mais ou menos complicados de Nosseck que conseguiram, debaixo de qualquer ponto de vista, os momentos mais valiosos, mas sim o Lopes Ribeiro a focar uma briga à paulada entre dois campônios, a terra, o salmejo...

Na «Canção de Lisboa» não foi a cena da cozinha entre a Beatriz e o Vasco, a forçar risoto, e as piadas de revista do António Silva, no banquete, que mais agradaram mas sim certas passagens da Academia... Nas «Pupulas» não foi a Maria Paula com as sói-ran-celhas arranjadas na Madame Campos mas sim a pisa da uva no lagar...

Portanto não se fala demais em Raça porque é nas cenas que têm raça ou pelo menos características rísticas que se tem conseguido mais e melhor.

* * *

Nacionalista, raça, patriota, são palavras que se atiram à cara para atrapalhar cada um, em virtude de serem constantemente desvirtuadas e achincalhadas. Não nos devemos assustar com este ataque-lugar-comum. Basta atribuir-lhes o significado primitivo para nos podermos defender com facilidade e ainda podermos atacar o adversário.

Que se fale bastante em raça. Que se fale bastante em estilo. Para que esse estilo surja é necessário que se agite a questão, que se levantem polémicas, que o queiram achincalhar e que o queiram defender. E entretanto vão surgindo aqui e além pequenas manifestações curiosas que se devem apontar e salientar.

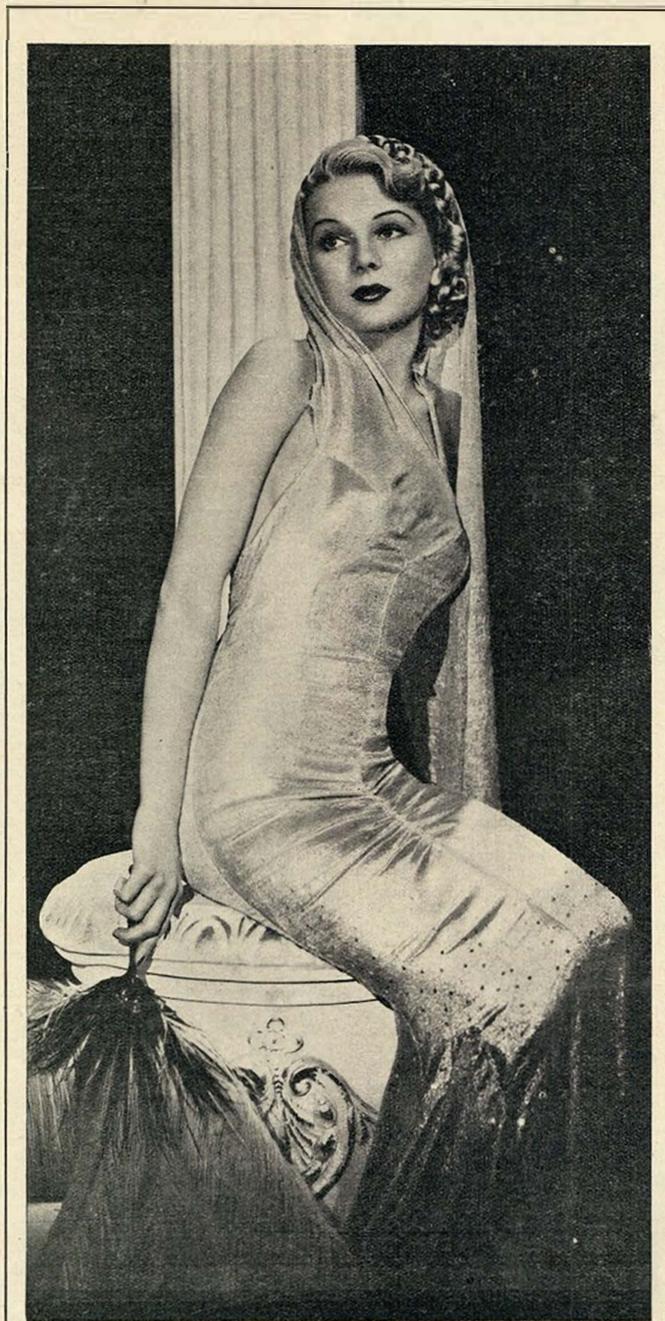
Leitão de Barros, em certa polémica, a propósito de difficuld, ades, escreveu mais ou menos isto: «incurir num filme Raça é a única coisa que não custa dinheiros».

Estou convencido que lê tem razão, mas devia também dizer que isso só o consegue quem tem sensibilidade e talento.

* * *

As exigências do produtor podem diminuir mas não aniquilam a personalidade e o talento de cada um. E o cinema estrangeiro não é vítima do mesmo mal?

Agora porque se servem determinados interesses ou porque se seguem um caminho errado vir atitar poeira aos olhos do público ingénuo, é que acho descaramento e parece-me irritante. Lá por sermos espertos não temos o direito de comer os outros por tolos. É por hoje... basta.



Anny Tarando, uma das mais belas «girls» de Eddie Cantor

TELMO FELGUEIRAS

HITLER



CHAPLIN

UM telegrama chegado de Paris não há muitos dias, informa-nos do motivo que levou o Führer a proibir, na Alemanha, o novo filme de Charlie Chaplin, *Tempos Modernos*. Hitler nutre uma notável relutância pelo tradicional bigode do maior gênio do maior gênio do Cinema, simplesmente porque lhe desagrada a semelhança desse bigode com o seu.

Repugna-me aceitar essa justificação, embora nela reconheça um motivo. Mas um motivo nem sempre é uma justificação e aí está porque repudio, como inconsistente, a novidade trazida de Paris.

É que Hitler, feitas as contas, a despeito de quantos defeitos se lhe queiram atribuir, não leve o mau senso de interditar, no país ressurgido à sombra do seu talento, uma obra do mais talentoso dos cineastas, só porque lhe desagrada uma semelhança de bigodes. Dever as suas razões, mas tão suas, que me não ajeite a adivinhar. Também posso garantir que o voluntarioso chanceler resolveu aquela proibição sem com isso denunciar desdém pela arte cinematográfica. Na Alemanha, faz-se cinema, como sempre se fez, e nela se apreciam — também como sempre se apreciaram — as grandes obras de arte, reveladas pelo claro-escuro. E tanto assim deve ser que, no país da cruz gamada, o cinema é uma das grandes fontes de propaganda. Bastaria este argumento para destruir todo o mau efeito produzido por uma afirmação que visasse atribuir a Hitler menos apreço pela «sétima arte».

* * *

Bem sei que na Alemanha de hoje tudo mudou, tudo tem o seu aspecto moderno. A decantada fotogenia dos estúdios germânicos, que nos den as obras incomparáveis de Fritz Lang e de tantos outros, sofreu uma profunda transformação. O cinema alemão de hoje não pode, de forma alguma, comparar-se com o de ontem. Decerto, por circunstâncias efêmeras, transitórias, a Alemanha não possui, no presente, um único realizador de pulso, capaz de

igualar Lang. Mas, a par disso, também evoluíram os processos.

Hoje, o filme alemão, visa, sobretudo, uma propaganda, sem tréguas, do seu ressurgimento e isso prejudica-o um tanto sob o aspecto artístico.

Estes e poucos mais são os motivos porque a fotogenia da nação racista por excelência apresenta um aspecto novo.

Quando, num jornal de actualidades, se anunciam notícias da Alemanha, já sei, de ante-mão, o aspecto que a tela me vai oferecer; uma praça imensamente grande, imensamente apinhada de gente, imensamente bem alinhada em fileiras, causando-nos vertigens a simples ideia de que há uma vontade capaz de dispor tanta gente com tanta simetria e regularidade.

Paisagem, arquitectura, etc. (esses retalhos, cuja fotogenia tão aproveitada é pelo artista cineasta), constituem um fundo que fica para além da nossa retina, da nossa observação e da nossa inteligência, porque as fileiras regulares de blusas pardas são o motivo dominante e absorvente.

É que na Alemanha de hoje só há uma fotogenia: a fotogenia da disciplina. Disciplina e mais disciplina — eis o cenário, eis a figuração, eis a interpretação, eis tudo o que se encontra no

cinema alemão. Nem doutra forma as coisas se podem passar, se a Alemanha não tem outra cara, outra fisionomia, além da disciplina.

* * *

Aqueles que visitam a pátria de Einstein, contam-nos coisas assombrosas da disciplina, nesse país extraordinário.

Ir ao cinema, seja em que país fôr, faz parte do programa de todo o indivíduo que se preza.

Parece-nos interessante, por isso mesmo, citar o testemunho dum português que visitou a Alemanha, quando do último cruzeiro de férias.

Com efeito, o nosso compatriota, comprou um bilhete, no Ufa Palaast, e entrou. Teve a sorte de entrar às nove horas em ponto. Se o fizesse um minuto mais tarde, não poderia assistir à sessão; esperaria, nos corredores, pelo primeiro intervalo. É uma regra geral. A disciplina exige que o espectador seja pontual, para não prejudicar os que chegam à tabela. Isto parece inacreditável, mas não é. Nós, aqui, é que estamos habituados e não concebemos a possibilidade de sermos disciplinados ou, pelo menos, correctos. O incômodo causado aos outros espectadores, ao

chegarmos depois de iniciada a sessão, também faz parte dos nossos hábitos. Se nos interditassem êses hábito deixaríamos até de ir ao cinema. Na Alemanha, como disse, o caso é bem diferente.

Mas continuemos a história...

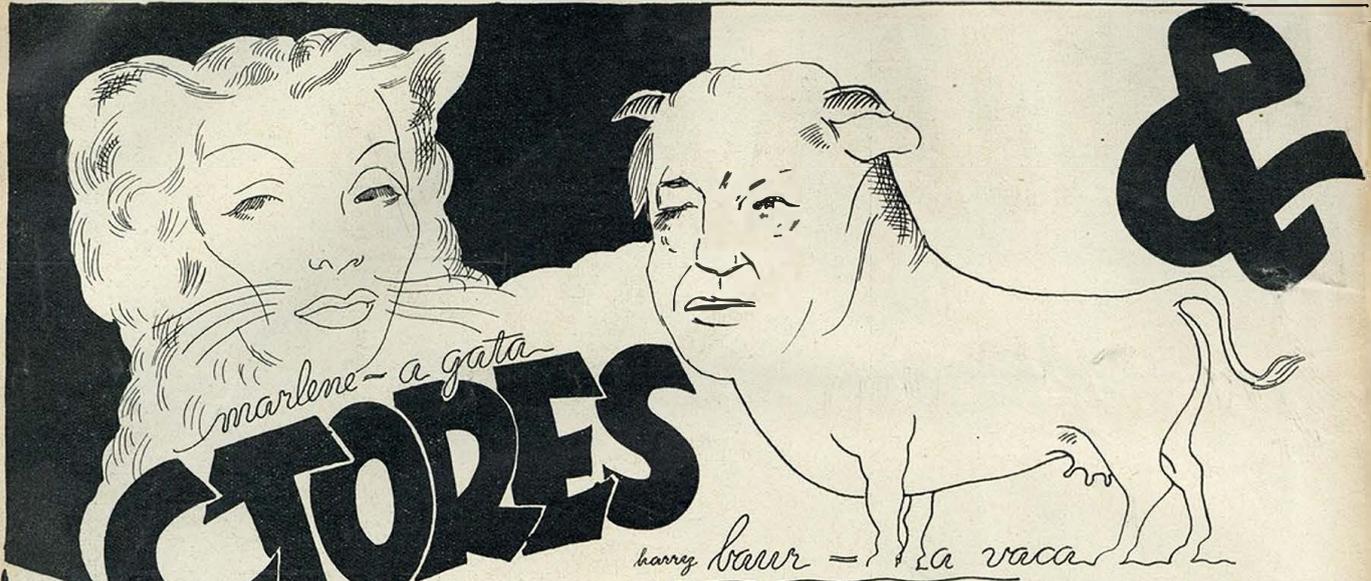
O nosso compatriota entrou à tabela e sentou-se. Toda a gente está sentada no seu lugar. Não há uma palavra mais sonora ou uma gargalhada a quebrar a monolonia dos ruídos disciplinados. Parece até haver um único timbre de voz, uma massa sonora, uniformemente distribuída por toda a sala.

Ao apagarem-se as luzes, a sala emudece, como se alguém tivesse dado uma volta ao interruptor dum allo-falante. Nem uma voz, nem um gesto, nem uma tosse, nem nada. Se o filme é cômico as gargalhadas emparelhadas umas com as outras; nada de desafinações. Se há tragédia na tela, as raras lágrimas que correm esperam o momento oportuno de merecerem o albergue dum lenço. Qualquer gesto, o simples assoar, seria uma nota desconcertante no meio de tanta disciplina.

Euseuado será dizer que o nosso portuguêsinho indisciplinado e expansivo,

(Conclui na pág. 14)

dois bigodes iguais em conflito



marlene - a gata
ACTORES

harry baur - a vaca



eddie cantor - a coruja

laughton - o bull-dog

TODOS temos experimentado este capricho da imaginação que nos leva a atribuir formas humanas às coisas ou a assemelhar fisionomias de gente com expressões de animais!...
É, umas vezes, um jôgo inofensivo de bom-humor, outras, um ferir de sensibilidade, a impressão irresistível que nos leva a descobrir numa casita isolada e maneirinha, perdida à beira duma estrada, um certo ar gaúto, irreverente, que capta a simpatia...

Benjamin Fainsilber leva esta loucura passiva da imaginação ao ponto de comparar alguns dos principais actores de cinema com a mais estranha das faunas. É com a maior das sem-cerimônias (no que seria certamente coartado se existisse uma «Sociedade Protectora dos Artistas de Cinema») que estabelece o confronto entre a cabeça de sonho de Marlène Dietrich e o focinho duma gata...
Daremos razão ao humorista se recordarmos o seu olhar molengoso, os traços felinos da boca, o ar distante de habitante dum outro mundo (Marlène é estratosférica, vive o mistério dos gatos da Colette e de Baudelaire).
Mas, e o que é pior, Fainsilber quer vêr através da aparência física a semelhança do carácter e entende que, tal como os gatos, a «vamp» hermafrodita «alterna as amabilidades interessadas e as carícias dissimuladas com arranhadelas... Marlène Dietrich, imperatriz das «vamps», rainha das gatas!...» E prosseguem os confrontos:
Eddie Cantor — o homem cujo maior prestígio consiste nas mulheres dos seus «filmes» — de olhos espantados ao lado dum nariz seríssimo, tem toda a gravidade daquelas corujas que também servem para símbolo das academias.
A expressão de romaria, reinadia, muito marcada, de Simone Simon, onde baila um riso arregalado e a boa disposição de quem sai dum banho de água fria é comparada (pasmái cinéfilos!) a um cãozinho de luxo importado da China pela Inglaterra aí por 1860: o pekinois!...

Sobre Harry Baur o caso é discutível: podemos visionar-lhe uma cabeça de touro se atendermos ao seu pescoço largo, às palpebras salientes, aos movimentos pesados, à expressão dócil do olhar; ou então, mais modestamente, ao

perfil dum peixe dourado, destes que trazer por casa num aquário...
Acrescente-se a este álbum de animais nossos conhecidos os paralelos entre Jimmy Durante (que de resto tem fama de palrador) e o papagaio; Charles Laughton e um bull-dog; Buster Keaton e um cavalo; os Barrymore a certas aves de rapina, heráldicos, e um pouco distantes, por vezes cruéis!...

O resto é com o leitor, com a sua imaginação e bom humor; aquela disposição e infatigabilidade mental (essa virtude!) duma criança que eu conheci à mesa dum restaurante, construindo durante a sobremesa uma sociedade frutífera: a romã era a rainha, o fixo o conselheiro, a nêspera uma sécia, o pécuo era um pagem, o ananaz um rei muito grande!...

O cinema aproveitou, e aproveitará, este abstracto na descoberta felicíssima dos «desenhos animados»...
Este processo veio revolucionar o antigo conceito de caricatura: — a forma grotesca, o exagero do exterior, a senhora gorda, o senhor penucudo —, intelectualizando o humorismo e dando pela invenção fabulosa, pelo convencional, num reino de pura loucura imaginativa (deixem que lhe chame assim), uma graça mais humanizada, portanto menos formal, mais intelectual.

Se até o burlesco pode ser dramático!
A graça (e de maneira alguma eu quero reeditar aquele «romantismo», qualquer coisa de letra de fado, do palhaço rindo com vontade de chorar, etc.) não raras vezes é tocada de fino sentimento: o humorismo de Charlot, ou melhor, de Charlie Chaplin, ou então feita de imprevisão, de situações inopinadas à Irmãos Marx; este género de humorismo que está fazendo carreira!...
A graça quasi nunca reside na coisa, mas no que ela sugere.

Se me lembro também já o cinema se socorrera do confronto de uma expressão humana com a de um animal para salientar uma atitude do carácter duma personagem. Na «Atlântida» Brigitte Hehn é uma mulher estranha, que ainda

ANIMAIS



simone - o pekinois



brigitte - o tigre



buster keaton - o cavalo

para mais estranheza, vive numa região convencional, vagamente subterrânea, entre os seus caprichos, a sua insensibilidade, os seus escravos e um leopardo, companheiro fiel que ela acaricia. No momento em que o seu orgulho é profundamente magoado por o eleito se ter recusado às suas solicitações, Brigitte Hehn esboça no rosto felino uma leve contracção da boca desenhando as duas pregas do lábio superior; ao seu lado o leopardo arreganha o focinho e tem um branido breve. Estava explicado tudo!

Este confronto entre as fisionomias das actrizes de cinema e os animais, de que o artista «Raúl» faz a admirável charge que ilustra estas páginas, talvez seja considerada cruel por aquele leitor namorado romântico de estrelas...
Porque não salientar antes o sentimento delicado, mais literário, é claro, que elas possam inspirar? — perguntará.

Não é Norma Shearer o tipo ideal, figura de rectábulo divinizada — que apetece adorar de joelhos?
Claude Colbert não seria uma companheira «a sério» com quem se passaria muitos serões de inverno fazendo com as mãos dobradoura enquanto ela enovelava o fio duma meada? Oh! os encantos do tricôt!
Menos feminina, Marlène é aquela mulher ao pé da qual se poderá fumar cachimbo sem inquirir se o fumo a incomoda... Jean Harlow, no tipo loiro, indicada para um tango muito argentino, no tipo moreno — Josephine Baker!

Myrna Loy? A mulher para quem vão os sonhos de aventura, pelo seu ar estranho de flor exótica; Myrna Loy é a personagem daqueles livros de viagens que nunca lemos... E o ar cheio de ternura que soube despertar a Mary Pickford: a mamã de Hollywood!
Tudo isto nos diria o meridional enamorado de estrelas, donde se concluiria que o tipo simpático de mulher

tem muito mais «sex-appeal» do que o belo.
— Fantasia amigo, pura fantasia, tal como os paralelos de semelhança que deram começo a esta crónica.

No campo da ciência tem-se pretendido deduzir certos caracteres morais das linhas fisionómicas. Já Aristóteles e Lavater fizeram considerações a esse respeito, contemporaneamente consideradas pelos antropologistas como puramente imaginativas. A obra deste último: «L'Art de Connaitre les Hommes par la Phisionomie», inspirada na pintura de Charles le Brun (o pintor que procurava nas expressões dos animais a tradução dos seus instintos) foi o ponto de partida para congeminações com mais ou menos carácter científico. Estas coisas não têm grande cabimen-

to no campo cinéfilo, todavia não resisto a extrair daqui — com gesto patriarcal — aquela moralidade que aconselha as cinéfilas a não architectarem sonhos e subtilezas onde não há mais que celuloide...

Mas, direi ainda, esta recepção das emoções produzidas pelas coisas e pelos sentimentos, a que a nossa imaginação e sensibilidade dá uma forma objectiva, chama-se na Arte esta coisa incompreendida por tantos — pintura moderna, poesia pura, etc., etc.

Diria muito mais... diria se não ceasse a crisma com o nome de qualquer animal, apadrinhado pelo leitor enfartado com estas coisas muito, como direi, antropológicas...

por Gualter Cardoso

Jimmy Durante - o papagaio

Carta do Porto

Há crise no cinema ?

É frequente abordar-se na imprensa e nas conversas, um tema que, a maior parte das vezes, não tem a sua mais lógica conclusão — a possível crise dos cinemas do Porto.

Este sonoro palavra — «crise» — perdeu, nos últimos tempos, o seu verdadeiro significado, para servir de justificação a muitas deficiências, como se uma palavra tão pequena pudesse servir de capa a tudo e todos.

A verdade é que nos cinemas desta cidade não há crise.

Poderão vibrar os clarins do pessimismo, apresentando o possível mau andamento de certos negócios cinematográficos, poderão apresentar factos envelopados em forte argumentação, sem que nenhum desses casos, nenhum desses factos possa ser atribuído ao cinema.

Há crise, apenas, no bom gosto do público. Essa entidade convencida de que tem profundos conhecimentos de tudo, quasi não admitindo, na sua maior parte, sugestões ou ensinamentos de ninguém, tem perdido, apenas por ignorância, muito boas obras que em outros meios, melhor preparados ou mais cultos, causam verdadeiro entusiasmo.

É inegável — e isto não vai à guisa de réclamo — que os empresários portugueses têm procurado, inteligente elouvavelmente, nivelar os seus espectáculos aos das casas dos melhores e maiores centros, sem que o público, que tudo aprecia superficialmente de sotaio, tenha sabido corresponder, nem mesmo compreender, esses esforços.

No entanto, sempre que é apresentada uma película de assunto conhecido, popular, ou interpretada por algum dos poucos ídolos que aqui têm fanáticos, não há crise, man tempo, nem contrariedade que evite que o cinema a e a exhibe esgote em dias sucessivos, a sua lotação.

Por isso se há crise é apenas no gosto do público, esse, sim, é que sofre duma crise, intelectual ou artistica que ainda levará muitos anos a debelar e que — não tenhamos dúvidas — há-de desaparecer totalmente, porque já muito se tem feito nesse campo.

De resto, é já velhíssima a frase que diz que quando os filmes são bons ou lhe parecem bons, há público para tudo...

Os últimos dias de Pompeia

Deve ser amanhã, 3 de Março, apresentada nos cinemas Trindade e Olympia, a grandiosa película «Os últimos dias de Pompeia», em estreia em Portugal, filme que se anuncia como uma das mais espectaculares produções dos últimos tempos.

Já há anos se exhibiu nesta cidade um filme silencioso baseado no mesmo assunto que conquistou um dos maiores êxitos desse tempo, não só porque o assunto é de absoluto domínio público, como também constituiu, na verdade, um grandioso e impressionante espectáculo.

Talvez por isso ou pela forma de que esta película vem precedida, a estreia de «Os últimos dias de Pompeia» é aguardada com viva ansiedade pelo que, decerto, lhe está reservado um successo digno de registo.

O aniversário do Batalha

Constituiu uma interessante consagração a um cinema português e uma vibrantíssima homenagem a Leitão de Barros, a sua arte e ao seu esforço, a festa do 28.º aniversário do cinema Batalha, o mais antigo e popular cinema do Porto, realizada no sábado passado.

Festa simplicíssima, a ela acorreram as figuras mais representativas do meio

A história do cinema conta hoje perto de quarenta anos, toda uma época de inventos e de conquistas das mais brilhantes. Outrora, simples curiosidade, hoje um grande ramo artístico de indústria, em que trabalham diariamente milhares e milhares de pessoas, sem contar os inúmeros contratos que cada filme produzido traz para vários artistas, artilheiros e indústrias. Só o capital das firmas alemãs, que se dedicam à produção de filmes, atinge uns 60 milhões de marcos, e entre essas firmas, só a Ufa tem um capital de 45 milhões de marcos. As receitas, em bruto, dos cinemas alemães ascendem a perto de 210 milhões de marcos em 1934, importância esta que aumentou, durante o ano transacto.

Para mostrar estes conhecimentos, inaugurou-se, há dias, na cinelândia da Ufa, em Neubabelsberg, uma exposição permanente e instrutiva com a presença do prof. Dr. Lehnich, ex-ministro e pre-

nos cinemas. O trabalho dos libretistas e compositores, as funções do quadro de produção, do director de cena, dos intérpretes, dos decoradores e desenhadores — tudo isso é apresentado, ao visitante da exposição, em numerosos exemplos originaes, illustrações, gráficos e muitos modelos. Noutra secção, aprendem-se os vários processos de tiragem e revelação nos laboratórios de cópia. Mais adiante, aprende-se, intuitivamente, o curioso sistema do «relaxador» e a produção da película virgem, que constitui um dos ramos mais importantes da industria de manufacturas químicas na Alemanha. Noutras secções, apreciam-se os sistemas de iluminação, de registo de som e de fotografia, assim como as funções dos exhibidores e dos distribuidores dos filmes. Em grandes plantas e gráficos, estudam-se as organizações alemãs e internacionais da industria cinematográfica, mostrando o alto valor que o cinema representa, na sua qualidade de factor económico e cultural, nas relações da Alemanha com os vários países estrangeiros. Ao visitante, apresenta-se, nesta exposição, um grande número de profissões e misteres, devidamente melodiçados, que contribuem para a produção dos filmes e que constituem os quadros técnicos das grandes empresas cinematográficas.

Por tudo isso, se vê que a exposição instrutiva da Ufa não é de forma nenhuma um «museu» de coisas mortas. Pelo contrario, é uma imagem viva de todos os conhecimentos modernos que cooperaram na perfeição extraordinária atingida pela industria cinematográfica.

Anexo a esta exposição, há um grande arquivo para documentação. Este arquivo regista sistematicamente a historia de cada filme da Ufa, com grande número de detalhes artisticos e economicos. Numerosos cartazes permitem o estudo dum dos ramos mais interessantes de propaganda! Numerosos argumentos, desenhos, musicas e esboços de indumentaria e requisitos diversos, completam a parte artistica do curioso certame. A parte economica e tecnica é, também, documentada com numerosos exemplos. Ao lado da exposição, há uma biblioteca com sala de leitura, onde se compulsam as obras de maior interesse para a cinematografia. Esta biblioteca é especialmente facultada ao pessoal que trabalha nos estúdios e nos escritórios da Ufa. A exposição é, pois, de especial interesse para todos os técnicos do cinema, jurisperitos e professores, chefes de propaganda, programadores, criticos, escritores e compositores de musica, institutos e Universidade e, enfim, de uma maneira geral, para todos os que se dedicam á historia do filme e ás questões cinematográficas da actualidade.

Esta exposição é, aliás, a única do género, que existe no Mundo. Os institutos cinematográficos que existem em vários países têm funções diferentes, servindo, em regra, para o estudo de assuntos que se relacionam com os filmes educativos e culturais. Na exposição da Ufa, porém, mostra-se o filme como unidade completa, como um trabalho de cooperação mútua, em que cada um tem de cumprir o seu dever, para que a obra em resultado final resulte perfeita.

Berlim, Fevereiro de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA



Simone Simon, o último desilusão do América...

cinematográfico do Porto que na ocasião em que, no átrio deste cinema, foi descerrada a fotografia do distinto cineasta português, tributaram a Leitão de Barros uma vibrante manifestação de simpatia e admiração.

José Figueiróa, o activo e estimadíssimo secretário do Batalha, figura muito querida e popular nesta cidade, foi muito e justamente felicitado pela iniciativa desta homenagem que teve a caracterizá-la o cunho de sinceridade de que se revestiu.

CARLOS MOREIRA

sidente da corporação cinematográfica do Reich e de várias outras entidades.

Nesta exposição, acompanham-se os processos de produção dum filme, desde a ideia primitiva, até a sua exhibição

CARTA DE BERLIM

Otto Kruger

○
mais
consciencioso
dos
artistas

E' possível que o nome de Otto Kruger não vos diga nada... No entanto, lembrem-se de *Os Homens da Blusa Branca* e de *Os dois amores de Diana*, por exemplo... e evocarão, por certo, aquele actor de rosto magro, um pouco esquálido, de cabelo loiro, levemente ondedado, que condensa em si as características germânicas e puaamente americanas...

Uma ambição e um desastre

Otto Kruger nasceu em Toledo, Não em Espanha, mas no estado de Ohio... Nos U. S. A., como sabem, encontram-se tôdas as cidades do mundo...

Como quasi todos aqueles, que o destino designou para trabalhar mais tarde, sob a luz dos «sunlights» — Otto, nos primeiros anos da sua vida, nunca se interessou pelo cinema. Curson as Universidades de Michigan e de Columbia. Estudava electricidade e pretendia ser engenheiro... O sonho de ser inventor dominava-o, acima de todos os outros!

Um acidente grave veio destruir todos os seus projectos, e modificar, por completo, o plano da sua vida. Certo dia, com efeito, quando procedia a experiências com um dinamo, que irradiava faíscas, como se fôsse uma enorme peça de fogo de artifício, o mesmo rebentou e atingiu-o em pleno rosto. O choque foi tão violento que o deitou por terra. Ficou queimadissimo. A pele da cara, pescoço e braços desapareceu. Os médicos foram lacônicos: se não morresse, ficava desfigurado para toda a vida...

A atracção do palco

Durante seis meses esteve internado, completamente cego. Curou-se, no entanto. Recuperou a vista e não ficou tão desfigurado, como os médicos supunham.

Depois de ter saído do hospital, sentiu que havia perdido o gosto pela electricidade. E resolveu então obedecer a outra tendência imperioso do seu espirito: o palco.

Seu pai era um homem rude e severo. Não havia forma de se resignar a vêr Otto ingressar na falange dos comediantes, mais ou menos banais. Mas leve que ceder à vontade imperiosa do filho. E foi êle próprio, quem lhe conseguiu arranjar um lugar num teatrinho modesto.

Otto Kruger estreou-se com o nome de Otto King. Dentro de pouco tempo, volveu a adoptar o seu verdadeiro nome, limitando-se a alterá-lo ligeiramente,

na ortografia. Com efeito, o apelido de família era Krueger e Otto suprimiu o «e» para que ficasse Kruger!

Durante dois anos prosseguiu. Registou êxitos sobre êxitos. Os criticos aplaudiram-no e o velho Krueger não resistiu à tentação de ir vitoriar o seu filho. À saída do teatro, vendo o réclamo luminoso que acompanhava a frontaria disse-lhe: «Final sempre suprimiste o «e», do nosso nome de familia! Porque não o assinas, como deve ser?»

E foi desta forma que lhe fêz vêr que já não havia qualquer espécie de ressentimento, da sua parte. Comediante ou engenheiro — sentia-se de novo orgulhoso «do seu rapaz».

Em Hollywood

Otto Kruger continuou a representar em Nova-York e a negar tôdas as propostas que de Hollywood lhe faziam. Negou-se até ao clássico *bout d'essai*...

Mas não lhe era possível manter-se muito tempo na negativa. E, assim, um belo dia, partiu para Hollywood, contratado pela «Metro». Devia encarnar, nos filmes papéis de composição. A sorte, porém, foi-lhe propícia. Quiseram-no vêr representar cenas de amor. Otto foi proclamado o amante ideal, afirmou-se que era pena estragá-lo em papéis de composição e profetizaram-lhe que seria «a maior revelação do ano»...

As coisas não se passaram assim, precisamente, mas de forma quasi idéntica.

O Homem-perfeito!

O seu primeiro filme foi *Turn back the clock*. Foi um êxito! O filme, no entanto, não saiu da América. Outros vieram: *Beauty*, com Madge Evans; *As mulheres e o idolo*, com Max Baer e Myrna Loy, *The Gallant Lady*, com Ann Harding e Clive Brook, *Os Homens da*

Blusa Branca, *Os dois Amores de Diana* e *A Ilha do Tesouro*, onde encarnava o simpático papel do dr. Livesey.

Qual é o segredo do êxito de Otto Kruger? O seu talento, a sua personalidade, e sobretudo a sua voz que — segundo o testemunho de Joan Crawford — faz vibrar uma pessoa, dos pés à cabeça, — «tal como se fôsse beijada na nuca por um homem».

Compreende-se por isso que Otto Kruger seja, na América, uma dos artistas com mais público... feminino.

Acrescentemos, ainda, para retratar fielmente o nosso biografado, que Otto Kruger é músico, um violinista e um violoncelista distinto. É casado, adora a sua mulher — ao que se diz... — e bem assim sua filha, de sete anos de idade. Tem uma paixão inocente — a esgrima.

Finalmente, segundo os mais recentes rumores que nos chegam de Hollywood, se fôsse preciso eleger, no país do Filme, o homem que mais se aproxima da perfeição humana, assistiríamos à vitória esmagadora de Otto Kruger.



MOZART

Um dos mais belos filmes românticos, que o cinema nos tem dado!

Um grande exclusivo da Sociedade Importadora de Filmes (S. I. F.)

MOZART

UM dos maiores gênios musicais do mundo, senão o maior, foi, sem contestação, Mozart. Aos

5 anos de idade já êle maravilhou todos, quando, diante do crava, executava as mais difíceis composições.

De poucos é conhecida a vida serena do grande músico. Basil Dean, o grande realizador e produtor inglês, lembrou-se com felicidade de fazer uma obra cinematográfica em que perpossem os principais e mais emocionantes cenas da vida de Mozart. Com um grupo de quatro estrêlos—Vitoria Hoper, Liane Hoid, John Loder, Stephen Haggard—dirigiu-e a Viena e a Salzburgo, onde filmou os exteriores do grande

produção britânico, que em breve será apresentado ao público de Lisboa.

A direcção musical desta fito foi confiada ao dr. Paumgorther, do Instituto Mozart, de Salzburgo. Todos os trechos executados pelo London Philharmonic Orchestra, sob a regência de «Sir» Thomas Beechom Bort, são extraídos de obras de Mozart, mas muito principalmente de «O Casamento de Figora» e do «Flauta Mágica».

A fotografia é de Jon Stallish, o mesmo operador que se distinguiu mundialmente no grande filme «Ex-tase».





mas éles, por fim, também, uns da guilhotina e outros do ódio popular.

Revolução Francesa, filme que esperamos em breve admirar num dos nossos principais salões, é uma produção que, pelo elevado interesse do seu argumento, pela originalidade da sua técnica e pelo brilhantismo do seu desempenho, vai constituir um dos êxitos mais firmes do ano.

Para se avaliar do enorme interesse despertado por *Revolução Francesa*, basta dizer que em Johannesburg, no teatro «Metro», o famoso filme totalizou, em 10 dias, a importante verba de 6 mil libras!

Um
grande
filme
sobre
a



REVOLUÇÃO FRANCESA

A *Revolução Francesa*, que tem inspirado tantos músicos, tantos poetas, pintores, escultores e dramaturgos, motivo eterno de beleza, fonte inesgotável onde têm ido beber as maiores figuras do Pensamento e da Arte, seduziu também a estranha e admirável figura de cineasta que é Alexandre Korda, que sob o episódio do *Pimpinela escarlata*, revelado pelo admirável livro da Baronesa de Oreyz, construiu um dos mais surpreendentes espectáculos cinematográficos do ano findo.

É conhecido o histórico episódio do fidalgo londrino que, sob o nome de *Pimpinela escarlata*, em plena época de Terror, quando os aristocratas conheciam o seu desgraçado fim decapitados pela fina lâmina da guilhotina, sorria das autoridades e do governo da Revolução, proporcionando a fuga de muitos fidalgos que já tinham perdido a esperança de voltar a ver a luz do sol.

Neste filme, considerado em todo o mundo culto como um dos melhores da indústria inglesa, ressaltam ainda a opulência e a distinção da corte de Inglaterra em vivo contraste com a onda revolucionária e sanguinolenta que tomava a capital da França, jungida ao péso do famoso triunvirato constituído por Robespierre, Danton e Marat, viti-



(Continuação da página 7)



Um engraçado vendedor de «Cine-Jornal»
(Foto Silva Nogueira)

perdeu a vontade de voltar ao cinema, na Alemanha. Não gozou nada, com a preocupação constante de evitar alguma observação do parceiro do lado. Esteve quieto e mudo, como um peixe.

* * *

Não vale a pena lembrar ao leitor a vantagem da disciplina, ainda quando usada com excessos. Estou em crer que seria impossível aos alemães edilar os primores dos seus filmes culturais, se não houvesse disciplina nos seus métodos e nas suas atitudes. Aqueles «filmezinhos» culturais de que tanta gente desdenha, essas preciosidades que todo o espírito culto admira e venera, têm como mãe a disciplina e como pai o trabalho. Mais ciência ou menos ciência, mais técnica ou menos técnica, todos os meios produtores de filmes as possuem. Qualquer país, onde a arte cinematográfica e a ciência estejam bem orientadas, tem elementos para produzir filmes culturais. Se os não apresentam, devemos procurar uma causa e é nela que reside o segredo da Alemanha disciplinada e obreira.

Veio tudo isto à baila a propósito da interdição do novo filme de Charlot no país de Hitler. Dois bigodes que se não entendem? Decerto que não. Dois temperamentos que se não aliam. Um de-

fine-se pelo queixo voluntarioso que o bigode encina; outro pelo olhar de mistério que atribue personalidade a um bigode quasi igual. Um domina multitudes com o simples erguer do braço direito; outro subjuga-as com o modesto agitar duma bengalinha. Um é o Messias que tenta apregoar uma nova era; outro um semi-deus, que tenta impor uma nova arte.

Não vêm para aqui as razões porque um pode ser considerado como maior que o outro. Ambos são imensos, mas ambos são distantes. A sua passagem no firmamento da celebridade faz-se, por assim dizer, em sentido oposto, embora não briguem, embora passem um muito longe do outro.

Dai, porque não é fácil explicar-se os motivos porque Hitler e Chaplin estão incompatibilizados.

RAUL FONSECA

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

Visa do pela Comissão de Censura

E agora
ê ele ama-me
mais do que nunca



Alô: — Bom dia. Saíes? live uma zanga com o Jorge. Porquê? imagina que me telefonou três vezes, a semana passada, para dizer que habbava até tarde. Com efeito... vim a saber que ele tinha ido ao «Bambula Club» com a loura bonita do seu escritório. Então, o ciúme perseguiu-me arozmente... Nesse mesmo dia, o cabeleireiro aconselhou-me a experimentar o Creme Tokalon, dizendo que conseguiria obter uma pele nova e branca em 3 dias. Calcula tu que, no fim duma semana, Jorge me fez sentir que nunca lhe pareci tão nova e tão sedutora desde que nos casámos — já lá vão dez anos. Certamente, este paleta aegre, ama-me mais do que nunca. Estou certa de que esqueceu por completo a «oura — e, realmente, devo isso ao Creme Tokalon. Se ainda o não experimentaste, querida, compra-o imediatamente.

O Creme Tokalon, Cor Branca (não gorduroso) contém o creme fresco e azeite predigeridos combinados com elementos adstringentes que branqueiam e tonificam a pele. Penetra instantaneamente nos poros, dissolve os pontos negros de tal modo que desaparecem, fecha os poros dilatados, embranquece a pele mais sombria e amacia a mais ressequida. Atavia, em 3 dias, a pele com uma beleza e uma frescura novas e indescriveis, impossíveis de obter por outra qualquer forma.

A venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

Cinema brasileiro

Um artigo de Sérgio Ferraz, notável pelo desassombro das suas afirmações!

De «Cinema», a magnífica corporativa do cinema brasileiro, transcrevemos, abaixo, quasi na totalidade, um artigo inserto no seu último número, e que tem um inegável interesse!

O Brasil, com efeito, procura, como nós procuramos, organizar a indústria, ou, como se diz, em gíria futebolística, «assentar jógo». O artigo que damos abaixo pode ser-vos útil, se for lido com atenção!

Dispensamo-nos de dar à estampa os comentários que êle nos sugere!

Meus amigos, o cinema brasileiro está a marcar passo. Crisolizou numa fase primária, que é por certo cômoda — mas de que temos que sair. Cinema não é o que estamos vendo por aí, saído dos nos estúdios. É qualquer coisa de superior, de mais apurado, de mais bom gosto. Os filmes que o cinema brasileiro tem produzido até agora, têm dado resultados pecuniários mercê do civismo do público, que não tem regateado incentivo à indústria nascente. Mas tudo cança. OS FILMES NACIONAIS JÁ NÃO DESPERTAM GRANDE INTERESSE NA CINELÂNCIA. EMBORA FAÇAM UMA HONROSA CARREIRA NOS BAIRROS.

É UM SINTOMA.

* * *

Temos necessidade urgente de mudar de rumo. Precisamos de fazer cinema «de facto» e para isso carecemos de 3 coisas:

- 1.º — Capital suficiente;
- 2.º — Aparelhagens e estúdios capazes;

3.º — Técnicos competentes e artistas dotados.

Vamos, pois, tratar de resolver êsses três importantes problemas.

PRIMEIRO — CAPITAL — A era dos filmes do custo de cento e tal contos, está visivelmente a passar. Não podia deixar de ser. Se fôsse possível não sair dêsse modesto prego, mantendo uma produção interessante, outros países, que não podemos imaginar menos inteligentes que nós, não saíam dessa verba, ao câmbio do dia. Ora lá fóra, o mais corrente celuloide — falamos dum filme completo, não de «slêches» ou canções filmadas — custa 500 contos, isto mesmo nos pequenos países que querem ler cinema próprio. Na Holanda; na Polónia; na Espanha; na Bélgica, que produz em flamenço. Na Turquia; no México; na Argentina.

SEGUNDO — ESTÚDIOS — É indispensável edificar estúdios completos, com tudo o que é preciso, principalmente no que respeita ao material, sobretudo material de iluminação. No Brasil, pelo menos que nós sabamos, não há um único «Meinert». A altura dos estúdios não permite um «decór» que saia de 6 metros de pé direito. Os laboratórios de tiragem são rudimentares, etc., etc. Organizemo-nos a valer. Mantemo-nos vir técnicos da especialidade para dirigir a construção, duma vez de uns estúdios dignos dêsse nome. Completo e bom.

TERCEIRO — TÉCNICOS E ARTISTAS — De toda a evidência não temos ainda técnicos formados, à altura das

necessidades do cinema brasileiro. Os que por aí há, verdadeiros autodidatas, têm todos os defeitos dêsse género de formação. Deixemos de nos pôr a descobrir o que há muito está descoherito. É perder tempo e dinheiro. Contrate-mos no estrangeiro, arquitectos, decoradores, chefes, operadores, engenheiros de som, chefes de laboratório, realizadores, etc. Quando chegar essa espécie de Arca de Noé cinematografista, larguemos os seus viajantes pelos nossos estúdios; êles se encarregarão de perpetuar a espécie... Em breve teremos discípulos competentes, aptos — e nacionais. O brasileiro é capaz de fazer tudo — mas ninguém nasce ensinado.

Quanto aos artistas — descobramos vocações. Não vamos só aos que nos parece mais fácil, às figuras do mau teatro que temos, e ao pessoal do péssimo «broadcasting» que suportamos. Criemos um movimento particular nos diversos meios sociais para que apareçam pessoas com talento e com disposição para o cinema. Sempre se encontra. O que é preciso é procurar e tornar a profissão interessante, para que venha gente.

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SI MÔES

Propriedade da Sociedade de Revistas Cráficas, L.da

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefones 2 1368 e 2 1227

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48\$00
25 " 6 meses 24\$00
12 " 3 meses 12\$00
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano... 65\$00

ROSIPOR,
OLY, YILDIZIENNE,
MIRABILIA, Etc.,

para póros dilatados, peles oleosas, secas, rugas, etc. — Produtos excelentes da

Academia Científica de Beleza

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA

STADIUM

A me'hor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de notícias e flagrantes gravuras por...

SONORO FILME

continúa detentora dos grandes «records»,
distribuindo os melhores filmes do Mundo

No seu primeiro ciclo, que bem pode considerar-se o CICLO GLORIOSO, **SONORO FILME** distribuiu em Portugal os seguintes grandes filmes, unanimemente elogiados pelo Público e pela Crítica:

O Rapáz Milionário

Folies-Bergère

Gosto de todas as mulheres...

O Conde de Monte Cristo

Máscarada

Castá Diva

A Valsa do Adeus

Ressurreição

Varietades

etc., etc., etc.

SONORO FILME vai agora iniciar o seu segundo ciclo, que pode denominar-se antecipadamente o CICLO MARAVILHA, com as seguintes produções de grande categoria internacional:

Stradivarius

Mazurka

Bozambo

Revolução Francesa

Quando o amor nasce...

O Fantasma vai para Oeste

e a grande produção portuguesa

O TRÊVO DE QUATRO FOLHAS

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 20 — 2 DE MARÇO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NO PRÓXIMO NÚMERO: MAURICE CHEVALIER FALA A «CINE-JORNAL»